

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

Estágio Supervisionado de Psicopedagogia Clínica

CLÁUDIA MARIA GERALDO AGI

ALEXÂNIA – GO
2010

CLÁUDIA MARIA GERALDO AGI

Estágio Supervisionado de Psicopedagogia Clínica

Estudo de caso apresentado a coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Anápolis – GO

2010

CLÁUDIA MARIA GERALDO AGI

Estágio Supervisionado de Psicopedagogia Clínica

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis – GO, 8 de outubro de 2010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Sueli de Paula
Orientadora

SUMÁRIO

1. Apresentação	6
2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínico	8
2.1. Instrumentos utilizados	
2.1.1. Anamnese	
2.1.2. Entrevista com Cliente	
2.1.3. Provas de Diagnóstico Operatório	
2.1.4. Prova Projetiva Psicopedagógica	
2.1.4.1. Eu e meus companheiros	9
2.1.4.2. Família Educativa	
2.1.4.3. Par Educativo	
2.1.5. Prova Pedagógica	
Língua Portuguesa	
Matemática	
2.1.6. Entrevista com a Professora	10
2.1.7. Observação do Material Escolar	11
2.1.8. Hora do Jogo	
2.1.9. Atividade Lúdica	
2.1.10. Jogo de Regra	
2.2. Análise dos instrumentos utilizados	12
2.2.1. Anamnese	
2.2.2. Entrevista com o cliente	15
2.2.3. Prova diagnóstica operatória	16

2.2.4. Provas Projetivas psicopedagógicas	17
2.2.4.1. Eu e meus companheiros	
2.2.4.2. Família Educativa	
2.2.4.3. Par Educativo	18
2.2.4.4. Provas Pedagógicas	
2.2.4.4.1. Prova de Língua Portuguesa	
2.2.4.4.2. Prova de Matemática	19
2.2.5. Entrevista com a Professora	
2.2.6. Observação de material escolar.....	20
2.2.7. Hora do Jogo	
2.2.8. Atividade Lúdica	21
2.2.9. Jogos de Regras	
3. Hipótese diagnóstica	22
4. Sugestões e encaminhamento	
4.1. Sugestões e encaminhamento para a família	23
4.2. Sugestões e encaminhamento para a escola	
5. Conclusão	
6. Referências Bibliográficas	24
ANEXOS	25

Apresentação

Este estudo de caso teve como origem o Estágio Supervisionado Psicopedagógico Clínico, que teve como objetivo o diagnóstico psicopedagógico de uma criança.

Conforme BOSSA, 2000, p. 20:

"A psicopedagogia é a área do conhecimento que estuda a aprendizagem humana, objetivando o processo de aprendizagem não apenas no ambiente escolar, mas em todos os âmbitos: cognitivo, afetivo, social e durante toda a vida. O objetivo do estudo da psicopedagogia é o próprio processo da aprendizagem e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto. Sejam estes relacionados com a realidade interna ou externa, sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que mesmo de forma implícita, estão inseridos em tal processo de trabalho com as questões de aprendizagem".

Bossa ainda afirma que "o conhecimento do caráter interdisciplinar significa admitir a sua especificidade, uma vez que a sua psicopedagogia, na busca de outros campos cria seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade".

A psicopedagogia divide-se em duas áreas: Clínica e Institucional. A psicopedagogia Clínica tem como missão retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando-se de sentimento de auto estima, fazendo-as perceber suas potencialidades, recuperando desta forma seus processos internos de apreensão de uma realidade nos aspectos: cognitivo, afetivo, emocional e de conteúdo dos acadêmicos.

Durante o estágio, no período de junho a setembro, foram realizadas sessões de diagnóstico onde foi atendido D, de 9 anos, sexo masculino, cursando o segundo ano do ensino fundamental, que apresentou a queixa familiar: Dificuldade na leitura e escrita e queixa escolar, apresentada pela gestora, como dificuldade na leitura.

Estas dificuldades de leitura e escrita têm sido alvos de grande preocupação da escola visto que elas se verificam quase em todas as classes ali atendidas.

Segundo ANDRADE, 2002, P.17:

"A psicopedagogia busca, portanto, construir uma teoria que de conta de explicar o processo através do qual o sujeito aprendente articula fantasia e realidade abandonando a ilusão da onipotência para a criar o símbolo e

com ele a capacidade de gerar pensamento ampliando o conhecimento sobre si e a sobre o mundo."

Relatório Clínico

1. Identificação

Nome: D

Idade: 9 anos

Serie: 2º ano

1.1 - Queixa

Queixa da família:

Segundo a mãe, “- Esse menino é burro! Ele não aprende nada” .

Queixa escolar:

Segunda a diretora, “ – Não sabemos como ajudar essa criança, parece que ele não memoriza nada o que lhe ensina” .

2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínico

2.1. Instrumentos utilizados

2.1.1. Anamnese

Conforme WEISS, 2003 p.64, anamnese

“É uma entrevista realizada pelo médico ou um profissional com o seu paciente, que tem a intenção de ser um ponto final no diagnóstico de uma doença, ou problema de aprendizagem. É uma entrevista com intuito de lembrar fatos ocorridos no passado, buscando técnicas que favoreça e seja aplicável para um diagnóstico que proporciona ao responsável um resultado favorável.”

2.1.2. Entrevista com o Cliente

A entrevista com o cliente é em todo o momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interessa observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismo de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, horizontal e vertical e etc. (Visca 2008, p.57)

2.1.3. Provas do Diagnóstico Operatório

Conforme MAC DONELL,1997, p. 4, “através das provas de diagnóstico operatório, podemos chegar a determinar o grau de aquisição de algumas das noções chaves do desenvolvimento cognitivo. Os níveis alcançados pela criança em cada uma das noções e sua mútua inter-relação fazem referência ao grau de estrutura operatória em cada etapa do desenvolvimento”.

2.1.4. Provas Projetivas Psicopedagógicas

De acordo com PAÍN, 2008 p.62, A estruturação das provas projetivas impõe ao paciente uma situação que terá de resolver através de uma construção na apresentação ou na fantasia, mas relacionada com a imagem, a outra com assimilação simbólica, lúdica ou verbalizada.

2.1.4.1. Eu e meus companheiros

Eu e meus companheiros temos como objetivo estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe, abordar os conhecimentos, atitudes e destrezas dos pares que serão aceitos ou não em função do vínculo afetivo estabelecido (Visca 1995, p.124).

2.1.4.2. Família Educativa

Definida como adaptação da família Cinética, a qual consiste em averiguar a representação que o entrevistado faz aos membros do grupo familiar e o modelo de aprendizagem que os mesmos possuem e transmitem.

Segundo Weiss (2006, p.129) um desenho pode fornecer dados preciosos para a avaliação psicopedagógica sendo significativo dentro da história de vida daquele sujeito em particular.

2.1.4.3. Par Educativo

Tem como objetivo investigar os vínculos da aprendizagem como meio de detectar a relação latente, um estudo no qual expõe os resultados obtida em uma investigação dedicada a verificação, a confiabilidade e validade dos critérios. VISCA, 1995 p. 32.

2.1.5. Provas Pedagógicas

De acordo com WEISS, 2008, p.93 e 94, é importante definir o nível pedagógico para se verificar a adequação a série que custa as vezes a defasagem entre o nível pedagógico e as exigências anteriores pode agravar dificuldades do paciente anteriores à escola, e outras vezes criar situações que podem vir e formar dificuldades de aprendizagem ou produção escolar.

A investigação do nível pedagógico pode ser feita do uso de chamadas provas pedagógicas clássicas. Consiste no uso de material graduado (textos de

leitura, série de problemas e etc...) com dificuldade crescente que posicionará o sujeito dentro de diferentes níveis numa escala de produtos.

Língua Portuguesa

Segundo WEISS, 2066, p.38, a alfabetização é resultante da integração entre a criança construtor do conhecimento e a língua escrita, uma construção que não linearmente acumulativa, pois se trata de um processo de objetivação no qual continuamente constrói e enfrenta contradições que obrigam a reformular suas hipóteses. Um processo dialético através do qual ela se apropria da escrita e de si mesmo como usuário – produtor da escrita.

Matemática

“A avaliação do cálculo é feita em dois níveis: cálculo mental e a execução de cálculos escritos. A parte escrita, a inúmeros aspectos a serem avaliados a capacidade de estruturar graficamente a construção, do algoritmo das operações, o conhecimento do sistema decimal e valor posicional os algoritmo. As propriedades das operações, a combinação destas nos vários tipos de expressões etc... é fundamental se captar a relação entre o cálculo mental e o executado por escrito, ara se ver se há coincidência ou discrepância em que consistem (aspectos figurativos e operativos)”. WEISS, 1995, p.99

2.1.6. Entrevista com a Professora

WEISS, 2008, p.94 afirma que esta parte tem o objetivo de conhecer os valores e normas da escola (em termos pedagógicos, disciplinares), tipos de existência, tipos de clientela, corpo docente e familiar a se avaliar se existe uma reação do paciente a situação escolar específica ou se a problemática é mais pessoal e familiar.

2.1.7. Observação do material escolar

WEISS, 2008, p.94, relata que a análise do material escolar implica verificar a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática observa-se o tipo de erro ou acerto do paciente, o modo como esse é encarado pelo professor, se é assimilado, revisto e trabalha na construção do conhecimento. Observa-se também como anda a organização em nível de antecipação das atividades, o cuidado ou não com os seus diferentes materiais.

2.1.8. Hora do Jogo

Utilizamos a hora do jogo para compreender alguns processos que podem ter levado á gestação de uma patologia no aprender. A hora do jogo permite a dinâmica de aprendizagem, FERNANDEZ 1991 p.167 e 198.

2.1.9. Atividade Lúdica

De acordo com PAÍN, 2008, p.51 e 52, a atividade lúdica inclui os três aspectos da função semi-ótica que a partir desse ponto evolutivo, começa os dois anos, uma vez construído o mundo prático. São eles o jogo, imitação e a linguagem. O jogo é uma atividade predominantemente assimilativa, através do qual o sujeito alude um objeto. A imitação é uma ação postergada, internalizada como uma imagem. A linguagem é uma função semi-ótica por excelência, já que permite a referência a um objeto que constitui a matéria fônica de um sinal arbitrário.

2.1.10. Jogo de Regras

O jogo propriamente dito é uma atividade predominantemente assimilativa através da qual o sujeito alude a um objeto, propriedade ou ação ausente por um meio de um objeto presente que constitui o símbolo do primeiro e guarda com ele uma relação motivada. A linguagem participa do jogo seja substituindo certos

movimentos difíceis de simbolizar materialmente ou no momento da integração PAÍN, 2008, p.5.

Na medida em que se passam os anos os conteúdos verbais e narrativos aumentam sensivelmente no jogo de fantasia, até que a criança inibe completamente a ação e pode projetar verbalmente todo o episódio, ao mesmo tempo em que antecipa e corrige no nível imaginário desdobrando e novamente dobrando sua fantasia.

2.2. Análise dos instrumentos utilizados

2.2.1. Anamnese

No período de gestação de D, a mãe presenciou momentos agitados decorrentes da morte de sua tia que deixou cinco filhos que não possuíam lugar para ficar. Dessas crianças, o mais velho tinha apenas 14 anos.

A mãe tentou solucionar o problema, acolhendo essas cinco crianças em um quarto nos fundos de sua casa, alguns meses depois se descobre que essa garota de 14 anos estava se relacionando com o seu marido. Com estado emocional abalado, a mãe sai de casa e mora de favor na casa de “amigos”.

D nasce nesse período, a mãe que estava desestruturada não preparou nada para seu enxoval. O bebê nasce em condições normais de saúde, porém sem roupas deixa o hospital embrulhado em uma camiseta da mãe.

A mãe revela que saiu do hospital sozinha e precisou ir para casa de ônibus, e durante a volta pra casa, recebe inúmeras propostas para que ela doasse a criança, proposta essa que não foi aceita pela mãe.

Durante seus primeiros anos de vida, D chorava muito e só conseguia dormir batendo a cabeça e os pés no berço. Situação essa que preocupava a mãe fazendo com que o levasse a ajuda profissional. Foi afirmada que a criança não possuía nenhum quadro patológico diante de inúmeras afirmações a esse respeito por diversos profissionais a mãe deixou essa questão de lado.

No início da fase escolar aos 6anos, a criança passou por várias mudanças em relação ao ambiente escolar,, por não conseguir assimilar o conteúdo administrado pelos professores.

D é um aluno agitado e por várias vezes precisou ser encaminhado para casa por brigar com seus companheiros de classe. Atualmente esse estuda na Escola Parque Alvorada, onde aparentemente se adaptou ao local e não agride mais seus companheiros, porém “continua burro” diz a mãe.

A mãe mostra-se bastante interessada em sua aparência, mantendo suas roupas e materiais escolares limpos. Sua família é formada pelo padrasto, mãe, irmão mais velho e irmão mais novo. As brigas presenciadas por ele, é devido à mãe não aceitar que o padrasto o corrija, afirmando que apenas ela possui esse direito.

Percebeu-se que a criança pronuncia as palavras de forma clara e coerente de acordo com a língua portuguesa, mas não escreve com clareza, não reconhece as letras para formar a frase ou texto e não exprime uma leitura.

Foi possível observar na vida estudantil de D uma grande dificuldade para realizar as atividades, pois a cada instante ele se levanta de seu lugar para comparar com os colegas a sua tarefa, demonstrando insegurança e desconforto no que fazia.

Mesmo que sua tarefa estivesse correta sente necessidade de ouvir dos outros de que sua tarefa está correta. É algo que lhe dá prazer.

Quando a professora o solicita para retornar ao seu lugar, ele pede “tenha calma”. Ao realizar as atividades em sala, observou-se o quanto D é agitado, movimentando-se bastante na cadeira, friccionando as mãos, virando-se para todos os lados como se estivesse atento a tudo, balançando as pernas, todo tempo perguntando “vai demorar muito? O que preciso fazer? Tem mais alguma coisa?”

O aluno possui muita dificuldade em sua alfabetização, pois ainda não tem uma leitura e escrita convencional. No caso de um texto ilustrado ele apenas descreve a gravura criando uma história sobre ela e não necessariamente o que consta no texto. Possui um baixa auto-estima, não gosta de realizar tarefas domésticas que no seu entendimento o deixa inferior.

D gosta de estar no ambiente escolar, entretanto não suporta barulho por menor que seja, demonstrando isso abaixando a cabeça e tapando os ouvidos, como quem quisesse se isolar.

Em VISCA, 2004, compreendemos que a aprendizagem depende das seguintes estruturas: cognitiva, afetiva e social. Os problemas da aprendizagem estão indissociavelmente ligados a alguns aspectos desses fatores sempre

compreendidos de modo interdinâmico. A inteligência vai se construindo a partir da interação do sujeito e a circunstâncias do meio social.

De acordo com o mesmo no primeiro nível que corresponde a inteligência sensório-motora, as ações da criança não têm representação, ou seja, não representa para si mesma o ato do pensamento, há apenas uma mera ação motriz.

No segundo nível que corresponde ao da inteligência pré-operatória já existe uma representação ou simbolização. Há claramente uma distinção entre o significante (conduta de imitação, desenho, imagem mental, jogo, palavras) e o significado (situação evocada, objeto representado). Porém o pensamento deste nível não pode organizar os objetos e acontecimentos em categorias lógicas gerais;

No terceiro nível que corresponde à inteligência operatória completa, o pensamento da criança torna-se reversível podendo realizar a operação inversa no pensamento, concluindo que mesmo mudando a fórmula da massa de bolinha para salsicha percebe-se que essa transformação, não modificou a quantidade do objeto. No quarto nível que corresponde a inteligência formal ou hipotético-dedutiva, o pensamento torna-se independente no concreto, e um pensamento abstrato.

Diante dos níveis observados, pode-se verificar uma baixa estima, agitação, insegurança, lentidão resultado de uma não alfabetização.

Segundo VISCA (1991), concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica com continuidade genética e diferenças evolutivas resultantes da pré-condição energético-estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio.

A aprendizagem depende: da articulação de fatores internos e externos ao sujeito. Na aprendizagem pode-se ainda surgir como uma reação neurótica a interdição da satisfação, seja pelo afastamento da realidade, seja pela excessiva satisfação na fantasia, seja ainda pela fixação com a própria parada de crescimento PAÍN, 1985, p.67.

Diante da história de vida relatada pela mãe desde o início da gestação do paciente, verifica-se que os fatores internos e externos foram afetados fazendo com que atualmente se manifeste as consequências desse processo.

WEISS, 2008, p.51, afirma que em qualquer situação diagnóstico a ansiedade se faz presente, no terapeuta, em fase da necessidade de penetrar no desconhecido, no paciente e em seus pai, antes o desconhecimento da situação e o

medo de revelar aspectos pessoais ou da família, aspectos esses conhecidos ou desconhecidos deles próprios.

A influência da auto-estima na aprendizagem pelo fato de não conseguir se aquietar no lugar. A auto-estima tem sido bastante discutida nos meios educacionais. De acordo com as experiências ambientais e com os relacionamentos familiares e sociais a que cada um de nós foi submetidas, podemos ter um auto conceito positivo ou negativo. Se a criança não tem a possibilidade de desenvolver atividades que a levem a organizar-se no tempo e no espaço, provavelmente terá dificuldade de analisar seu próprio corpo; de estabelecer relação entre objetos que a rodeiam, de transferir os conhecimentos de si mesmo para os conhecimentos do outro, de organizar em relação a ele, SCORZ, 1994, p.72 e 73.

D correlaciona atividades como lavar banheiro e ter que ficar sujo com o fato de não saber ler, todas as vezes que lhe é atribuída essas tarefas ele chora se sentindo envergonhado e humilhado.

2.2.2 Entrevista com o cliente

FERNANDEZ (*op. Cit.*, p.131) também desenvolveu um guia de atitudes a serem observadas pelo psicopedagogo neste tipo de sessão: escutar e olhar; deter-se nas fraturas do discurso; observar e relacionar com que aconteceu previamente à fratura; descobrir o esquema de ação subjacente; buscar a repetição dos esquemas de ação; e interpretar a operação, mais do que os conteúdos. Neste tipo de entrevista, é importante que vejam colhidos dados relevantes para a organização de um sistema consistente de hipóteses que servirá de guia para a investigação na próxima sessão.

D é uma criação bonita, educada, questiona o porquê de sua presença naquele local. Sabe responder perguntas diretas, tais como seu nome completo, série escolar dele e do irmão, nome da professora, endereço, nome dos pais, e etc.. Porém ao perguntar sobre o pai biológico, mostrou-se bastante agitado e questionou: *“Para que você me pergunta essas coisas? Não sei e não quero saber nada disso”*. Logo após a pergunta D ficou calado e se apresentou bastante agitado esfregando rapidamente as mãos.

Após alguns minutos foi lhe oferecido um copo com água para que se acalmasse. A criança afirmou que segundo a mãe, ele estaria ali para que um profissional lhe ajudasse.

Foi perguntado que tipo de ajuda ele acreditava que fosse e teve-se como resposta “*Quero aprender a ler!*”.

D é uma criança que gosta de brincar, ajuda sua mãe nos afazeres domésticos e fazer comida. Seu prato predileto é carne frita.

As atividades escolares são feitas logo que se chega a casa; a mãe lê e escreve em uma folha e ele apenas copia. Seus amigos não podem frequentar sua casa, desde que seu irmão, juntamente com um colega a sala, pegou um celular. Por esse motivo a mãe foi ao colégio e bateu no irmão, na frente de todos.

Aos finais de semana, quando tem dinheiro, vão para a casa da avó, caso contrário, ficam em casa mesmo.

2.2.3. Provas Diagnósticas Operatórias

Realizaram-se provas de intersecção de classe e D encontra-se no nível 2, conforme MAC DONELL, 1994, p. 20, intuitivo articulado, foi capaz de dar conta de que dentro de um círculo estão todas as fichas vermelhas e dentro de outro círculo estão todas as fichas azuis, porém diante de inclusão e de interseção, D apresentou dúvidas e respondeu algumas perguntas incorretamente. Diante dessa prova D demonstrou dúvidas ao responder as perguntas que lhe foram feitas

Na prova de quantificação da inclusão de classe, MAC DONELL, 1994, p. 21, ele também se encontra no nível 3 apresentando uma conduta onde todas as perguntas tiveram respostas corretas. Durante a prova D foi capaz de responder de forma coerente as perguntas que lhe foram feitas.

Na prova de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, D apresentou momentos de oscilação de ansiedade, irritabilidade e baixa atenção, podendo então verificar que o paciente se encontra no nível 3. Pude analisar que a criança afirma o total de fichas mesmo depois que se faz a pilha de fichas de cores vermelhas e azuis.

2.2.4. Provas Projetivas Psicopedagógicas

2.2.4.1. Eu e meus companheiros

Segundo PAÍN, o que podemos avaliar através do desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento. Esta autora ainda nos diz que o pensamento fala através do desenho onde se diz mal ou não se diz nada, o que oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora (1992, p. 61).

D fez um desenho onde relatou seus amigos e ele fora da sala brincando de futebol, demonstrando um vínculo positivo e valorizando as atividades assistemáticas. Em seu desenho percebe que ele sempre está no centro do campo com a bola e os demais se encontravam no gol demonstrando assim uma facilidade de trabalho em equipe.

Na realização do desenho, D mostrou-se bastante pensativo, não quis muita conversa por ter que pensar quem ele iria desenhar e logo a seguir começou a citar o nome dos colegas dizendo que eles sim eram seus amigos, pois haviam lhe indicado para participar de um escolinha de futebol, realizando assim um dos seus maiores sonhos.

2.2.4.2. Família Educativa

Família Educativa tem objetivo de estudar o vínculo de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo, VISCA, 1995, p.65.

Com base na afirmação citada acima, pode-se perceber que D possui um elo muito forte com sua mãe, já com o seu padrasto não possui um relacionamento tão estreito afirmando que o padrasto não tem nada que possa ensiná-lo.

D também desenhou seus irmãos, mostrando assim um relacionamento saudável e frequentemente deparado com brincadeiras proposta a qualquer criança de sua idade, como lutinha, corrida, bola entre outros.

2.2.4.3. Par Educativo

A análise de cada observação feita, necessita ser integrada nas múltiplas facetas, dos diferentes domínios que aprende para a compreensão desse mesmo sujeito de forma global, como um todo único singular.

Ao comparar o desenho de D lado a lado, pode-se perceber o vínculo regular de aprendizagem. Seu tamanho é pequeno demonstrando assim um vínculo não importante no que se refere a um aprendizado negativo: Ao que se acrescenta o pequeno tamanho do aprendiz em comparação ao tamanho docente percebendo assim um sentimento de desvalorização de quem aprende, tornando assim o vínculo de aprendizagem negativa.

2.2.4.5. Provas pedagógicas

2.2.4.5.1. Prova de Língua Portuguesa

Segundo WEISS, 2008, p.97, é preciso resgatar, desde o diagnóstico o hábito de ler, criando-se a idéia de atividade prazerosa.

É necessário avaliar diferentes tipos de leitura, havendo uma possibilidade de escolha conforme a idade do paciente, escolaridade e suas reais possibilidades em relação à extensão do material.

Durante a realização destas atividades verificou-se uma grande agitação do D Ao realizar a atividade ditada percebeu-se que sua escrita não corresponde às palavras mencionadas, pois apenas se limitava em fazer rabiscos, chegando a conclusão que D se encontra no estágio inicial da escrita apesar de já ter idade pra ter passado dessa fase.

Quanto à leitura audível procurou apenas na descrição das figuras ilustrativas dos textos, desconsiderando assim as palavras no texto.

Cópia – o aluno realizou a atividade ao seu modelo de escrita, não respeitando o parágrafo, trocando letras e sílabas.

Interpretação de texto – Ao ler o texto “O *sapo Sapeca*” D interpretou ao seu modo tentando adivinhar o que estaria escrito ali.

Pode-se observar que a dificuldade de leitura que o D apresenta, é agravada pelo ambiente familiar na qual a leitura e a escrita não tem sido prática freqüente.

2.2.4.5.2. Prova de Matemática

Nesta disciplina é necessário verificar o raciocínio matemático, colocando-se desafios mais lúdicos e problemas mais formalizados, retirados de diferentes livros didáticos ou de situações reais, WEISS, 2008, p.99.

Adição e subtração, nestas operações o D demonstrou interesse e habilidade tendo sido capaz de resolver sem tantas dificuldades algumas contas do seu nível. O mesmo aconteceu na resolução de situações problemas nas quais foi capaz de fazer interpretação coerente, tendo atingido o resultado esperado.

Após muita concentração. D foi capaz de responder as atividades. No entanto pode-se observar que D apresenta dificuldade na leitura e interpretação de situação problema, isto é, tradução do enunciado para a linguagem matemática, no entanto ao lhe ser apresentada atividade de forma lúdica ele consegue resolver o problema sem tantas dificuldades.

2.2.5. Entrevista com a Professora

Foi relatado pela professora M.E.S, que a mesma não como poderá ajudar seu aluno no que se refere à leitura e escrita. Afirmou também quem em sala de aula, seu comportamento é muito bom, sendo um aluno prestativo. Apresenta alguns erros ao copiar do quadro.

Apresenta variações em seu comportamento, variando de calmo e prestativo a agitado e brigão.

Possui bastante facilidade em matemática e educação física. Em relação à expectativa da professora é que ainda terá o prazer de ver seu aluno lendo, aconselhando a fazer aulas particulares. Alega também não ter nenhum tipo de transtorno em seu relacionamento com o aluno.

2.2.6. Observação do Material Escolar

D não possui muitos materiais, porém estes se encontram limpos e conservados, tem dificuldade em obedecer a margem, parágrafo. No que se refere ao material de uso comum como livros didáticos de todas as disciplinas, há o fato de não poder levar para casa, o que aumenta o seu nível de dificuldades pois, só pode usa-los em sala de aula. No período das avaliações esse material escolar, continua na escola, podendo contar apenas o que tiver copiado no caderno, e que muitas vezes o D não tem conteúdo copiado integralmente. O fatos acima, contribuem para dificultar sua aprendizagem.

2.2.7. Hora do Jogo

PAIN, 1992, p. 53, a partir, pode-se verificar diferentes reações obtidas pelo paciente. Pode ser encontrado crianças que não tomam qualquer contato com os objetos. Às vezes se trata de uma evitação fóbica que pode ceder ao estímulo. Outras vezes se trata de um desligamento da realidade, uma indiferença sem ansiedade, na qual o sujeito se dobra às vezes sobre seu próprio corpo e, outras vezes, permanece numa atividade quase catatônica.

Conforme, FERNANDEZ, 2001, p. 167 – 169, utilizamos a hora do jogo para compreender alguns processos que podem ter levado à gestação de uma patologia no aprende, já que na hora do jogo permite observar a dinâmica da aprendizagem.

Diante dos objetos mostrados, D perguntou logo se poderia levá-los pra casa, e foi lhe respondido que poderia usá-los somente na escola. Mostrou-se bastante interessado no jogo de memória, devido à quantidade de peças coloridas, porém ao apresentar dificuldade de localizá-las passou para o jogo seguinte.

Partiu para outro jogo e pegou uma caixa com várias peças e começou a montar um aeroporto e disse que esse jogo sim era legal. À medida que ia montando falava que quando ele se tornasse um jogador de futebol ele viajaria o mundo inteiro. No jogo de sílabas D não demonstrou interesse por ser algo que ele possui. Pode-se perceber que a função simbólica para ele ainda não está clara apresentando assim no estágio pré-operatório.

2.2.8. Atividades Lúdicas (desenho, dobradura, colagem e modelagem)

Essas atividades podem ser definidas como todo e qualquer movimento quem tem como objetivo produzir prazer quando de sua execução, ou seja, divertir o praticante, conhecido como brincadeira, realização de uma tarefa de forma prazerosa WEISS, 2008, p.77.

Na dobradura D mostrou-se bastante quieto enquanto realizava as tarefas. Preferiu fazer um cachorro, pois era o animal que haviam ganhado da avó. Apresentou certa dificuldade do manuseio devido um déficit na coordenação motora.

Com massinha de modelar, ele fez vários tipos de pizza a entende que tinha vários sabores. Relatou que quando dinheiro sobrava o dinheiro o padrasto comprava pizza, e que sua preferida era de calabresa e mussarela. Relatou também que tinha muita vontade de comer no restaurante e não em casa, pois ele acha bonito comer naquelas mesas, porém nunca vai, disse que quando ele estiver trabalhando irá comprar uma só pra ele e que comerá sozinho, pois em casa ele tem que comer somente um pedaço para dar para todo mundo.

2.2.9. Jogo de Regras (Dama, Dominó, varetas e Jogo da Velha)

Conforme WEISS, 2000, p. 185 -187, neste jogo, é colocado como uma apropriação do conhecimento e que se é possível observar a assimilação e entendimento referente ao jogo, o que possibilita uma boa observação do processo de realização, vindo com se faz a abordagem: ensaio e erro, fragmentada ou globalizada, ação muito ansioso, sem reflexão e destreza manual. Pode ser usado isoladamente do teste, principalmente para o sujeito com problemas de fala ou de linguagem verbal. É uma prova sujeita a interferência emocional, pelo significado a as associações possíveis em relação à tarefa.

No jogo de regras o conseguir jogar e compreender o seu fazer implica em assimilação recíproca de esquemas e coordenação de diferentes pontos de vista. A coordenação de pontos de vista permite o descentramento do sujeito e a possibilidade de reciprocidade interpessoal com seus parceiros de atividade. Devido ao seu caráter eminentemente social, o jogo de regras favorece cooperação ao

submeter às ações dos sujeitos às normas de reciprocidade, FERNANDEZ 2004 p.165.

D a princípio demonstrou muita dificuldade em seguir regras, não conseguiu raciocinar de forma lógica, no pega varetas, por exemplo só queria pegar as peças que possuía os maiores valores e por serem as mais difíceis não pegou nenhuma. O dominó foi o jogo que apresentou maior facilidade ao contrário o que apresentou no jogo de dama. Ao jogo da velha não analisou o lado certo que finalizava a idéia de formação do trio “X e O”.

3. Hipótese Diagnóstica

Conforme FERNANDEZ, 2001, p. 87, a modalidade de aprendizagem na inibição em geral, rende a uma diminuição apresentando como hipoassimilação ou hipoacomodação. Ao contrário, no sintoma, a modalidade de aprendizagem vai conduzir ao conflito e ao desequilíbrio, apresentando como hipoassimilação ou hipoacomodação ou inverso.

Em nossa visão a “não aprendizagem” de D referindo – se a leitura e escrita que por sua vez ainda está inacabada, se dá possivelmente a uma não alfabetização, pois desconhece a maioria das letras, também acreditamos existis traumas não revelados pelo mesmo.

Verifica-se que a situação que mais em adequa o quadro de D é assimilativa, desencadeada por inúmeros fatores que repercutiram no momento de sua gestação até seu nascimento.

D apresenta muita vontade de aprender de ler, argumentando até quando ele vai para a escola e continuar na mesma situação, pois se sente envergonhado perante os colegas. Afirmou que comparece em todas as aulas de reforço, porém a professora não lhe dá muita atenção, ficando sentado no canto da sala sozinho.

4. Sugestão e Encaminhamento

A criança D deve ter um acompanhamento com psicopedagoga e uma alfabetizadora para que ao se submeter aos tratamentos e a assimilação das letras

e vogais, possa vir a produzir sua leitura e escrita de forma a se coincidir com sua oralidade que é precisa.

4.1. Sugestões para a família

A mãe deve estimulá-lo nas tarefas escolares, não deixando apenas copiar as respostas. Deve se ter o acompanhamento com o profissional especializado que entenderá suas dificuldades o auxiliando a lidar com o problema.

4.2. Sugestões para a escola

Propomos a escola faça um trabalho diferenciado em um horário extracurricular com o aluno D a fim de auxiliá-lo, na dificuldade de escrita e leitura da criança , e que “indique” um profissional alfabetizador que dê suporte as crianças que possivelmente apresentam dificuldade.

5. Conclusão

D é uma criança inteligente, mas que como todas apresentam limitações. Não há obstáculo na vida que não possa ser superado, porém o que determina o sucesso ou a falta dele é a perseverança.

É necessário apostar, acreditar nas pessoas, principalmente nas crianças, pois é no início de nossa formação que se dá a construção do nosso caráter. D é uma criança que tem um potencial incrível e o primeiro passo ele mesmo e o mais importante já foi dado, que é o da vontade de aprender a ler. Não tenho dúvidas que ele alcançará seu sonho, tenho certeza que existem profissionais capacitados que poderá lhe ajudar nesta questão, lembrando sempre que o impossível se torna possível a partir do momento em que se acredita.

Através das atividades realizadas e das conversas tidas durante os encontros pude observar que D encontra-se com inúmeras dificuldades que o impossibilitam a aprendizagem. No entanto seu desejo de aprender a ler e escrever é notória embora a meio a dificuldades.

Ao concluirmos vimos que o curso nos capacita a estudar e analisar problemas de aprendizagem e aprimorar nossa pratica educacional.

6. Referências Bibliográficas

WEISS, M.L.L **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem.**

CHAMAT, L. Sara José. **Técnicas de diagnósticos psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista.** São Paulo: Vetor, 2004

SAMPAIO,S. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEISS, M. L. **Reflexões sobre o diagnóstico psicopedagógico.** In: BOSSA, N.A. **Psicopedagogia no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERNÁNDEZ, A. **O Saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Porto Alegre: Artmed,2001.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

Anexos

ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL

NOME	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	Tempo de Magistério (anos)	FUNÇÃO
V.L.R.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	22	Diretora
E.S.L.P.	30	Fem.	Lic. Específica Biologia	20	Coordenadora
D.B.M.	52	Fem.	Lin Plena Pedagogia	23	Pedagoga
N.C.L.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Coordenadora de turno
C.M.L.	46	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Coordenadora de turno
A.D.G.L	46	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	15	Professora
D.M.S	34	Fem.	Lic. Específica em Matemática	14	Professora
D.R.B.	34	Fem.	Lic. Esp. Letras Port/Inglês	10	Professora
D.O.S.	31	Fem.	Lin Plena Pedagogia	13	Professora
E.M.C.	25	Masc.	Lic. Esp em Educação Físicas	03	Professor
I.V.J.	38	Fem.	Lin Plena Pedagogia	18	Professora
J.F.D.	48	Fem.	Técnico em Magistério	20	Professora
M.D.S.	35	Fem.	Lic. Específica Biologia	17	Professora
M.S.L.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Professora
M.A.N.	44	Fem.	Lic. Em Ciências Sociais	20	Professora
AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS				Tempo de Serviços	
G.F.F.	56	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	10	Auxiliar de Alimentação
J.D.A	39	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	15	Auxiliar de Alimentação
E.M.T.L	36	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	12	Auxiliar de Alimentação
R.P.S.	46	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	13	Auxiliar de Serviços Gerais
M.M.S.	44	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	12	Auxiliar de Serviços Gerais
V.G.L.	35	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	10	Auxiliar de Serviços Gerais

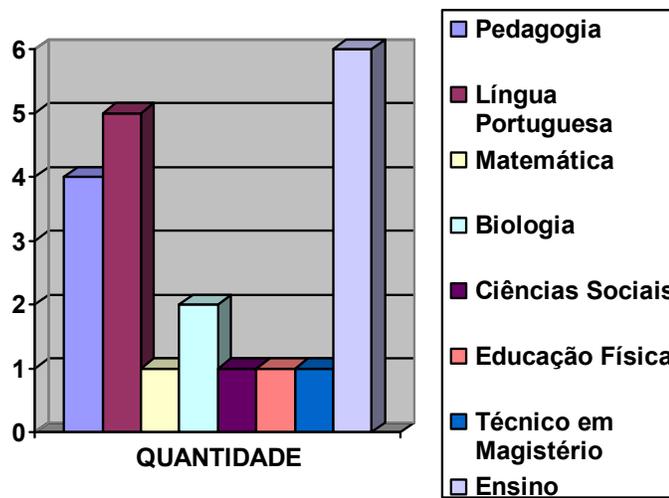
Fonte: Secretaria da Escola

FUNCIONÁRIOS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL

ÁREA DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE
Pedagogia	4
Língua Portuguesa	5
Matemática	1
Biologia	2
Ciências Sociais	1
Educação Física	1
Técnico em Magistério	1
Ensino Fundamental	6

Fonte: Secretaria da Escola

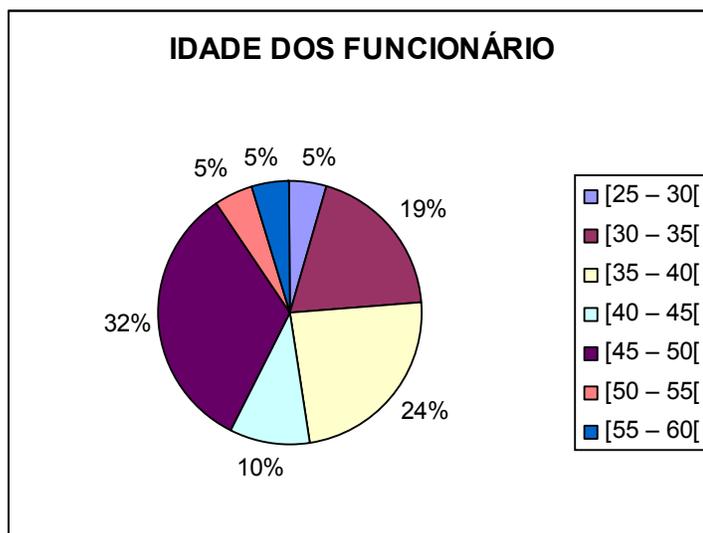
AREA DE FORMAÇÃO



IDADE DOS FUNCIONÁRIOS

IDADE (ANOS)	QUANTIDADE
[25 – 30[1
[30 – 35[4
[35 – 40[5
[40 – 45[2
[45 – 50[7
[50 – 55[1
[55 – 60[1
Total	21

Fonte: Secretaria da Escola



Fonte: Secretaria da Escola

ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL

NOME	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	Tempo de Magistério (anos)	FUNÇÃO
V.L.R.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	22	Diretora
E.S.L.P.	30	Fem.	Lic. Especifica Biologia	20	Coordenadora
D.B.M.	52	Fem.	Lin Plena Pedagogia	23	Pedagoga
N.C.L.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Coordenadora de turno

C.M.L.	46	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Coordenadora de turno
A.D.G.L	46	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	15	Professora
D.M.S	34	Fem.	Lic. Específica em Matemática	14	Professora
D.R.B.	34	Fem.	Lic. Esp. Letras Port/Inglês	10	Professora
D.O.S.	31	Fem.	Lin Plena Pedagogia	13	Professora
E.M.C.	25	Masc.	Lic. Esp em Educação Físicas	03	Professor
I.V.J.	38	Fem.	Lin Plena Pedagogia	18	Professora
J.F.D.	48	Fem.	Técnico em Magistério	20	Professora
M.D.S.	35	Fem.	Lic. Específica Biologia	17	Professora
M.S.L.	45	Fem.	Lic. Plena Língua Portuguesa	20	Professora
M.A.N.	44	Fem.	Lic. Em Ciências Sociais	20	Professora
AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS				Tempo de Serviços	
G.F.F.	56	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	10	Auxiliar de Alimentação
J.D.A	39	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	15	Auxiliar de Alimentação
E.M.T.L	36	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	12	Auxiliar de Alimentação
R.P.S.	46	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	13	Auxiliar de Serviços Gerais
M.M.S.	44	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	12	Auxiliar de Serviços Gerais
V.G.L.	35	Fem.	4ª série do Ens. Fundamental	10	Auxiliar de Serviços Gerais

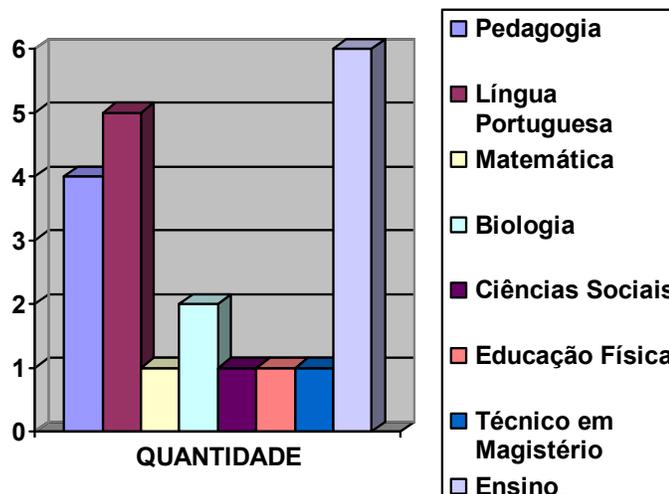
Fonte: Secretaria da Escola

FUNCIONÁRIOS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL

ÁREA DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE
Pedagogia	4
Língua Portuguesa	5
Matemática	1
Biologia	2
Ciências Sociais	1
Educação Física	1
Técnico em Magistério	1
Ensino Fundamental	6

Fonte: Secretaria da Escola

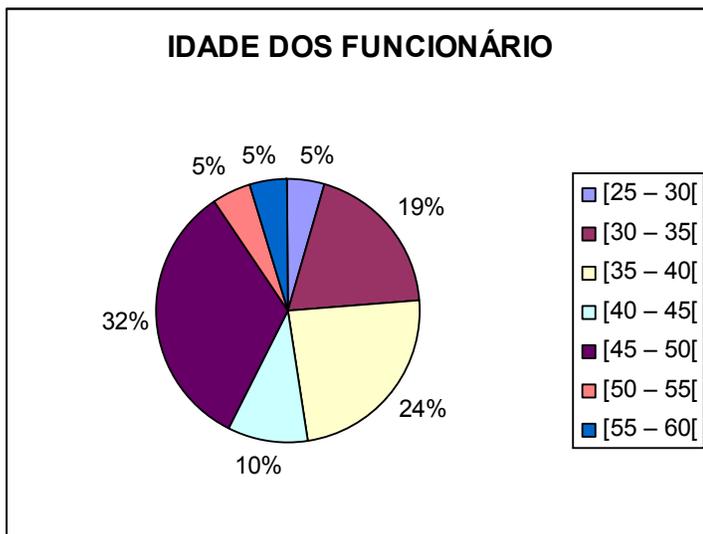
AREA DE FORMAÇÃO



IDADE DOS FUNCIONÁRIOS

IDADE (ANOS)	QUANTIDADE
[25 – 30[1
[30 – 35[4
[35 – 40[5
[40 – 45[2
[45 – 50[7
[50 – 55[1
[55 – 60[1
Total	21

Fonte: Secretaria da Escola



Fonte: Secretaria da Escola